

Pais e professores defendem religião em escolas

Rita Tristão

Professores e pais de alunos apóiam o ensino religioso ministrado nas escolas públicas, enquanto que outros defendem a introdução da matéria na rede privada. No momento, os responsáveis pela disciplina estão discutindo uma nova proposta curricular mais crítica e que atinja o aluno como um todo.

Os pais de alunos de escolas particulares da Grande Vitória defendem a introdução do ensino religioso nas aulas curriculares, e os de estabelecimentos públicos apóiam os ensinamentos cristãos que são ministrados nos colégios da rede estadual, pois acreditam ser possível, assim, reduzir o índice de violência e criminalidade, além de preparar melhor a criança para a vida. Só não concordam com aulas de religião, uma vez que a liberdade de credo é assegurada pela Constituição brasileira.

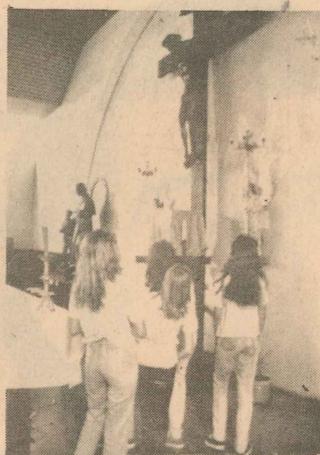
Nas escolas da rede pública estadual, o ensino religioso é matéria opcional, conforme a lei 3.043, de 1975. "Nós não ensinamos religião, o que é vedado pela Comissão Interconfessional para Ensino Religioso, responsável pela supervisão dos professores que atuam nesta área. O objetivo das nossas aulas é despertar no aluno a sua responsabilidade cristã, dentro da comunidade humana sem discriminação de confissão cristã, com entrosamento e cooperação de várias tradições religiosas", explicou Elda Ferreira Borsois, técnica do Departamento de Apoio aos Trabalhos Pedagógicos da Secretaria de Educação.

Orientação para vida

O ensino religioso deve servir como orientação para a vida, analisa Maria de Lurdes Galvão, que tem um filho estudado na pré-escola do Colégio São Domingos, em Bento Ferreira. Ela defende a introdução da matéria nos currículos escolares, desde que as aulas sejam utilizadas para humanizar mais o cidadão no futuro. "É preciso ter muito cuidado em relação às aulas sobre esse assunto e o objetivo a ser alcançado. Se for dentro do princípio de "amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a ti mesmo", como diz a bíblia, tudo bem. Mas, fora deste princípio, sou contra", disse Maria de Lurdes.

Matilde Queiroz, professora do Instituto de Educação, considera extremamente válida a proposta do ensino religioso nas escolas particulares, embora não considere necessária no colégio que seu filho estuda, o São Domingos. "Aqui, eles passam para as crianças o espírito cristão, sem falar de religião, através das campanhas organizadas em épocas propícias. Mas, acho a idéia extremamente válida", comentou a professora, revelando que, no Instituto de Educação, ela percebe o interesse dos alunos em permanecer nas aulas durante as aulas de ensino religioso. "Isto ajuda diminuir a violência e até a transformar a humanidade", comentou Matilde.

Mesmo sem religião, Angélica Tebaldi apóia a sugestão de alguns pais de se introduzir o ensino religioso nas escolas. "Desde que partam do princípio de que Deus é bom. Sem dúvida, essas aulas servirão para humanizar mais a criança e o adulto no futuro", observou. Dos pais entrevistados, nenhum deles se mostrou contra aulas de ensino religioso nas escolas públicas ou particu-



Não é feita doutrinação



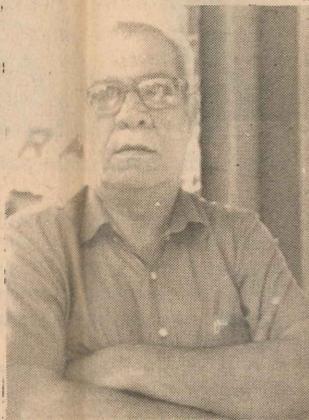
Os professores estão discutindo mudanças no currículo



Ameniza também é a favor



Odilon vê necessidade



Cristiano quer a matéria

lares. Mas, todos eles se mostraram preocupados com o conteúdo dos ensinamentos, lembrando que há necessidade de se respeitar a liberdade religiosa de cada indivíduo.

Deus acima de tudo

A crise financeira, com uma inflação de 1% ao dia, e o aumento do índice de criminalidade têm despertado nas pessoas o espírito de religiosidade e o desejo de se integrar a uma religião, confessam os pais. Cristiano Resende e sua mulher Zélia Resende estavam ontem, pela manhã, no ponto de ônibus da praça Oito de Setembro. Enquanto aguardavam o coletivo, eles comentaram que sem o amor de Deus na vida do homem não existe nada, principalmente nos dias atuais, quando a violência atinge índices "alarmantes".

"Deus está acima de tudo, por isso, em todo lugar, deve se registrar a presença de Deus. Até nas escolas", comentou Zélia, que se confessou católica e defensora do ensino religioso nos estabelecimentos públicos e particulares. Seu marido fez uma observação: "A partir do momento em que tiraram do currículo escolar a disciplina de Educação Moral e Cívica, os estudantes começaram a perder o espírito de patriotismo, e pode acontecer o mesmo com Deus", sublinhou Cristiano Resende.

Hoje, os filhos de Ameniza Mendes França não frequentam mais a missa, o que para ela é uma frustração. "Eles estão rapazes e acham que não é mais necessário, mas foram criados na igreja, e na escola sempre assistiram às aulas de religião. Acho que foram extremamente válidas e devem continuar", comentou a moradora do bairro Tabuazeiro. Odilon Nascimento Moraes é católico, pai de três filhos que são bons alunos das aulas de ensino religioso. "Não acho

que este assunto deva ser tratado somente pela família. Na minha opinião, a escola tem também sua parte de responsabilidade na formação cristã das crianças", disse o comerciante que mora em Paul.

Nos casos específicos de doutrinas religiosas como catecismo, por exemplo, Ana Maria Vieira diz que ela deve ser opcional. "As crianças de hoje têm uma série de atividades extraclasse que comprometem muito o tempo livre fora da escola. Por isso, acho importante os colégios introduzirem ensino religioso, desde que sejam opcionais", comentou Ana Maria Vieira, mãe de dois alunos de escolas particulares, Crescer e Nacional.

Comércio

Os comerciantes de Vitória que trabalham com produtos religiosos dizem que a crise econômica não tem afetado tanto os seus negócios. Ao contrário, o mercado de livros, por exemplo, tem se mantido estável. "Ocorreu uma retração no mercado de materiais religiosos, mas não tão significativa como em outros setores do comércio. Acho até que a crise tem motivado maior procura por livros que falam de fé ou levam as pessoas a uma aproximação com Deus", observou o proprietário da Livraria Ágape, Felix Pardo Ojer.

Algumas editoras de livros religiosos têm reajustado os preços dos livros de 20 em 20 dias, outras fazem a majoração num preço maior, até com 60 dias. Mesmo com um aumento mensal em torno de 30%, estes livros têm mercado seguro. "Ainda tem muito produto acessível ao consumidor, formado basicamente por pessoas religiosas ou que estão passando por alguma crise", explicou o proprietário da Ágape, que tem inúmeros títulos de livros teológicos.

Intenção é ajudar formação humana

Hoje, 13 anos depois de instituído o ensino religioso nas escolas públicas estaduais, os professores discutem nova proposta curricular para o setor. Defensores intransigentes da disciplina nos currículos escolares, os docentes da área dizem que a matéria é essencial na formação do aluno, pois o homem tem uma dimensão mística peculiar e que se a escola não trabalhar essa necessidade, a formação do estudante será incompleta.

O ensino religioso ministrado nas escolas públicas é coordenado pela Secretaria de Educação, que dispõe de apenas um funcionário para executar o trabalho orientado pela Comissão Interconfessional que congrega representantes de vários segmentos considerados cristãos. Podem se oferecer para professor da matéria pessoas com qualificação para o magistério e que estejam enquadrados dentro das normas da Comissão.

Religião x ensino religioso

Religião é bem diferente de ensino religioso, assinalam os professores da matéria, em sua maioria ligados a igrejas evangélicas e católicas. "Não pregamos doutrinas ou fazemos defesa desta ou daquela religião. A nossa proposta é levar o estudante a questionar-se. Visamos a criança, o aluno como um todo", explica Jerusa Almeida Roberts, que trabalha na escola de 1º Grau Maria Madalena Pisa, em Carapina. As aulas de ensino religioso têm por objetivo questionar o relacionamento da pessoa consigo mesma, com o próximo e com Deus. "Todos assuntos são abordados com conotação cristã", observa Olinda Fardin Soares, professora de Português e ensino religioso na Escola de 1º Grau Padre Anchieta.

Por força de Lei, todas as escolas da rede pública são obrigadas a manter no currículo escolar a disciplina de ensino religioso, no entanto, o aluno não é obrigado a participar das aulas. "Mas todos acabam optando por permanecer nas salas, pois os assuntos discutidos são sempre do interesse da turma", diz Olinda Soares. Para se obter um bom resultado, o professor tem que acreditar no que está propondo para discussão, caso contrário, o resultado será negativo. "Por isso que nem todos que se propõem a ministrar o tema vão adiante. Muitos desistem. Uma parcela significativa das escolas públicas da Grande Vitória não tem aula de ensino religioso porque não tem professor", comentou a responsável pelo setor na Sedu, Elda Ferreira Borsois.

Nas aulas, é proibido falar de denominação religiosa como determinam as diretrizes da Comissão Interconfessional. Ele deve ser ministrado na perspectiva da fé cristã, sem discriminar qualquer confissão religiosa. "A escola sem ensino religioso não cumpre seu papel de educação integral. Nós funcionamos muito mais como amigos dos alunos do que como professores. Somos procurados constantemente em nossas casas. Estas crianças são geralmente muito carentes e estão sempre aguardando uma boa palavra", diz Alaíde Fernandes Oliveira Batista, da escola Acizolina Assis de Andrade.

Os conflitos sociais de hoje têm atraído os

estudantes a participarem das aulas de ensino religioso. Os adolescentes preferem falar sobre drogas, sexo, namoro e casamento. "Não nos negamos a falar sobre nenhum dos assuntos propostos. Mas, todos eles são abordados dentro de uma conotação cristã", observa Olinda Soares. Os resultados obtidos com as aulas de ensino religioso são a longo prazo, quando se trata de alunos na adolescência. Nas primeiras séries, as crianças reagem a curto prazo. "Já podemos verificar mudanças de atitudes até mesmo dentro da própria comunidade. As aulas servem até para auxiliar alguns professores", observou Hugnete Ângelo Silva.

As aulas são flexíveis e podem ser alteradas de acordo com o interesse do aluno, mas sempre direcionamos dentro da trilogia: ver, julgar e agir. "Ver a realidade, julgar de acordo com os ensinamentos de Deus e agir com compromisso", sublinhou Estela Abreu Vieira Manso, há seis anos ministrando ensino religioso. O ensino religioso, na opinião das professoras, deve ser capaz de testemunhar para o aluno a possibilidade de mudança, dentro de uma visão de educação global e libertadora integrada à dimensão religiosa.

Em princípio, os alunos mostram muita resistência em participar das aulas de ensino religioso, mas à medida que as semanas vão passando — é ministrada apenas uma aula por semana — os estudantes passam a permanecer nas salas de aulas, interessados em discutir novos assuntos. "Acho que o nome da disciplina deveria ser alterado, como forma de se romper a barreira que ainda hoje existe", sugere Jerusa Roberts.

Professor x disciplina

A Comissão Interconfessional para Ensino Religioso do Espírito Santo (Cieres) foi criada em 8 de abril de 1975, pelo então arcebispo de Vitória, Dom João Batista da Motta Albuquerque, atendendo a um pedido do ex-secretário de Educação, Aci Nigri do Carmo. A partir daí, foi definido o regimento interno para o ensinamento da matéria nas escolas de 1º e 2º graus do Estado, que visa a educar com repercussões transformadoras em relação à vida diante do bem, verdade, justiça, solidariedade, fraternidade, realização, humanização e cultura do povo.

Para ser professor de ensino religioso, o candidato precisa ser qualificado para o magistério, pertencer ao quadro de funcionário público — uma boa parte é voluntário —, ser credenciado pelo Cieres, que exige do professor aptidão para a matéria, tenha coerência de vida com o Evangelho, seja cristão atuante e aceite o ensino religioso na forma confessional. Possuindo essas qualificações, o interessado tem ainda que participar dos cursos específicos para o setor organizados pela Comissão.

Atualmente, os professores de ensino religioso estão discutindo a formulação de uma nova proposta curricular mais crítica que atinja o ser humano em toda sua dimensão, cujos os termos ainda não foram definidos. "Queremos um currículo ainda mais prático do que é, uma vez que o ensino religioso não é dado somente em cima da Bíblia. Ela serve de base para nossas discussões, pois Deus é vida", finalizou Elda Borsois.